

Porto Feliz na Revolução de 32



Acervo de Antiquário Monções

Portofelicenses em Capão Bonito (1932)

Ensaio

da autoria do Historiador, Folclorista e Poeta

Carlos Carvalho Cavalheiro

Colaborador Emérito do Núcleo MMDC de Itapetininga



Revolução Constitucionalista de 1932

Exército Constitucionalista do Setor Sul

4 de Setembro de 2016

A história da Revolução Constitucionalista de 1932 ainda suscita estudos mais aprofundados posto que o movimento paulista carrega consigo uma complexidade de informações e fatos que analisados em conjunto trazem à tona novas perspectivas. Isso quando se trata do movimento de forma genérica, como um todo.

Porém, a contribuir com a complexidade do tema, há ainda que se ressaltar que os estudos locais e regionais, considerando como palco das atuações as cidades, ainda estão engatinhando.

A participação da cidade de Porto Feliz na Revolução de 1932, por exemplo, é um tema muito pouco dissertado.

Recordo-me de ter chamado a atenção para esse fato quando o governo municipal deu vistas à intenção de adquirir mais uma edição do livro “Canto, Conto e encanto com a minha história”, obra essa publicada pela Editora Noovha América e organizada por Oscar D’Ambrosio. Infelizmente, na referida obra, não constou informações sobre a participação da cidade nesse relevante episódio da história paulista.

O incentivo à pesquisa, especialmente de cunho histórico, ainda não é uma realidade entre nós. O Brasil ainda investe muito pouco em seus pesquisadores e, com isso, nossa identidade é sempre construída a partir de uma memória fragilizada. Enquanto isso, vamos insistindo na tentativa de deixar alguns “cacos” dessa memória para as gerações vindouras.

O jornal “O Estado de São Paulo”, no dia 30 de agosto de 1932, publicou uma extensa nota sobre o movimento revolucionário paulista, informando sobre o desenrolar dos fatos em diversas cidades. Nessa matéria encontra-se o seguinte:

Em Porto Feliz – Movimento Constitucionalista

Reina nesta cidade grande entusiasmo pela causa constitucionalista. Daqui já seguiram muitos voluntários. À comissão de abastecimento, nessa capital, foram remetidos, há dias, inúmeros donativos, contribuição desta cidade e do município. A lista aberta para auxiliar a compra de capacetes de aço recebeu assignaturas correspondentes a mais de 100 capacetes. Os operários do Engenho Central contribuíram com um dia de seus ordenados em benefício da causa constitucionalista.

Capacetes de aço eram utilizados pelos combatentes paulistas, o que lhes valeu o apelido posteriormente. Apesar de ser um movimento que procurava restabelecer a participação de São Paulo no cenário político nacional – participação essa abalada com a Revolução de 1930 que pôs Getúlio Vargas no poder – o apelo para uma nova Constituição que garantiria regras democráticas acabou por contagiar amplos setores da sociedade.

Como se vê, no caso de Porto Feliz, houve desde financiadores da compra de capacetes de aço (provavelmente, membros das classes mais abastadas), até a doação da remuneração de um dia de trabalho pelos operários do Engenho Central.

As notícias publicadas pelo mesmo jornal em 11 de setembro de 1932 dão uma melhor dimensão sobre esse fato. Segundo o jornal, até aquele dia 92 (noventa e dois) voluntários porto-felicenses partiram para o *front*, “prestando serviços nas trincheiras constitucionalistas”.

Em 21 de agosto daquele ano, promoveu-se uma corrida de touros, cuja arrecadação da bilheteria, no montante de 389\$700, foi remetida para a causa constitucionalista. O espetáculo de corrida de touros foi oferecido por Victorio Pelegrini. O Grêmio Dramático “Leopoldo Fróes” também colaborou, doando a renda de um espetáculo para a Revolução. A corporação Musical “União” realizou no dia 28 de setembro uma quermesse, cuja arrecadação foi entregue para a municipalidade com o fim de se construir a Casa do Soldado.

Essa “Casa do Soldado” deveria ser instalada na Estação de Santo Antonio e tinha por finalidade “atender aos militares que por allí passam”. A instalação dessa casa foi requerida pelo prefeito municipal Gabriel Antonio de Carvalho. Possivelmente esse empreendimento não tenha sido levado à efeito, já que o movimento armado terminou no início de outubro daquele ano.

A população de Porto Feliz colaborou ainda com o envio de grande número de donativos, campanha essa organizada pelo próprio prefeito municipal, e que contava com “muitas saccas de cereaes já remetidas a S. Paulo, e mais 40 bois que serão embarcados dentro de alguns dias”, conforme noticiou o jornal “O Estado de São Paulo”.

O jornal paulistano mantinha um serviço de correspondentes para a região, pois constam, na mesma edição, informações sobre Boituva, Sorocaba e outras localidades. No final das notas, o periódico solicitou aos seus correspondentes para que procurassem resumir as suas correspondências, pois não havia espaço suficiente no jornal para a publicação de tudo o que era remetido para a redação. Isso demonstra o entusiasmo que contagiava até mesmo os repórteres, dispostos a encaminhar os mais minuciosos detalhes dos ocorridos nas cidades.

Para a história, esses relatórios detalhados se tornam hoje verdadeiros achados, pois por muito tempo, de uma forma geral, negligenciou-se nas cidades a preservação de sua memória por meio de documentos e outras fontes.

Em Porto Feliz, por exemplo, a despeito do fato de se ter um Arquivo Público – o que já é um avanço –, ainda continua fechado o Museu Histórico.

Com isso, significativa parte de nossa história se esvai pelo ralo do desinteresse. Só que com isso, a identidade do povo também se esfacela. E sem identidade, como se pode falar em cidadania? Talvez seja essa a reflexão que se deva fazer com o intuito de despertar o devido interesse pelos lugares de memória da cidade.

A imprensa local também colaborou com o movimento revolucionário paulista. A redação do jornal “Porto Feliz” enviou 300 (trezentos) cartuchos de fuzil para os revolucionários, com a promessa do prefeito municipal do envio de mais 260, pela municipalidade.

Os industriais e comerciantes deram a sua contribuição criando a Caixa Pró-Voluntário, cujo objetivo era auxiliar as famílias dos combatentes que se achavam nas linhas das trincheiras constitucionalistas.

Outro fato curioso sobre a participação de Porto Feliz na Revolução de 1932 diz respeito ao assassinato do delegado de polícia Arcílio Borges, assunto já abordado aqui nesta coluna. Um escrito pertencente ao acervo do Museu Histórico, provavelmente escrito por Romeu Castelucci, esclarece que “como os policiais do destacamento estavam lutando na Revolução Constitucionalista, o delegado contou com a ajuda do comerciante Benedito Sttetter e do carpinteiro Ignácio Chagas, enquanto uma pequena multidão guardava distância da construção”.

Portanto, fica esclarecida a participação de civis numa ação policial, que infelizmente terminou com a morte de Arcílio Borges e de Benedito Sttetter, ambos golpeados à faca pelo agressor Tobias Ferraz de Campos.

De fato essa era uma dúvida que permanecia, pois era difícil entender porque o delegado não utilizou de força policial – guarda civil ou força pública – para realizar a prisão de Tobias. O fato se deu em 25 de julho de 1932, poucos dias depois de eclodida a Revolução.

Dentre os voluntários portofelicenses, o mais afamado foi o negro Madalena, cujo verdadeiro nome era Benedito Galvão do Amaral. Diz a tradição popular que além dessa revolução, Madalena participou do movimento tenentista de 1924 (engajando-se posteriormente na Coluna Prestes) e na Revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder. Desconhecem-se documentos que corroborem tais afirmativas.

Entretanto, em fevereiro de 1967 quando do seu falecimento, o jornal sorocabano Cruzeiro do Sul noticiou que ele era “ex-combatente nas revoluções de 1924, 1930 e 1932”. Vox Populi, Vox Dei!

